

O MITO FEMININO EM *SÃO BERNARDO*: A INSUBMISSA MADALENA

Wellerson Batista de Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Wellerson_batista100@hotmail.com

Larissa Cristina Viana Lopes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

larissinhafontes@gmail.com

Este artigo tem como objetivo analisar a imagem feminina na obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. A personagem a que faremos menção é Madalena e nosso estudo será feito considerando que se trata de uma configuração construída sob a ótica do narrador, Paulo Honório, esposo de Madalena. Apoiados em teorias que discutem sobre mulher, mito e arquétipos, arrazoando sobre a posição feminina na sociedade e no inconsciente coletivo, estudamos a construção da personagem que nos é passada numa narração em primeira pessoa, despontando o ponto de vista do marido com relação à companheira. Constatamos que Madalena, a professora pobre que se casou com o ganancioso de “alma agreste”, Paulo, era uma mulher desejada por ele como um modelo resumido à esposa e mãe. Todavia, a personalidade e os ideais dela foram expostos na narrativa e suas atitudes de insubmissão revelam uma quebra do arquétipo feminino na sociedade, trazendo a configuração de uma socialista que defende seus valores mesmo diante da repressão tradicional, representada pelo esposo.

Palavras-chave: mito feminino, arquétipos, personagem feminina.

Este artigo busca analisar a imagem feminina da personagem Madalena na obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, considerando que sua construção, bem como toda a narrativa, ocorre sob a ótica de Paulo Honório, narrador-personagem e marido dela. Nossa intenção é compreender os mecanismos que compõem a configuração da imagem da mulher levando em conta a narração em primeira pessoa.

Nossa análise se dá por duas perspectivas: a) as ideias de Campbell (1990) no que diz respeito ao mito feminino, abordando a figura da mulher em uma sociedade moderna e como os mitos explicam os modelos de vida contemporâneos; e b) os ideais de padrão e arquétipos para Jung (2000), buscando entender o inconsciente coletivo e a maneira de como influenciam comportamentos através de gerações.

O artigo se divide em três partes: a primeira é uma breve análise da figura feminina em sociedade, considerando as questões do mito, arquétipos e padrões, com fundamentos em Campbell (1990, 2002) e Jung (1987, 2000); na segunda parte, trazemos um breve contexto da obra *São Bernardo*, conhecendo o enredo e seus personagens, a fim de compreendermos o romance e seus aspectos sociais, apoiados nas discussões de Lafetá (1983); na terceira parte, focamos a construção da imagem feminina da personagem Madalena, sob a visão de Paulo Honório, a fim de entendermos como é construída a figura feminina sob o olhar do narrador.

Mulher e mito: o feminino na sociedade

Para Campbell (1990), existem, em nossas culturas, certas regras que são preestabelecidas, pelas quais as pessoas se guiam. Em algumas culturas ocidentais, por exemplo, isso está presente nas religiões, como a visão da figura da mulher como ser pecaminoso, visão esta presente desde Eva no jardim do éden, instituiu a imagem feminina como aquela que intermediou o pecado no mundo:

A serpente é aquele ser que trouxe o pecado ao mundo. E a mulher é quem ofereceu a maçã ao homem. Essa identificação da mulher com o pecado, da serpente com o pecado, e, portanto da vida com o pecado, é um desvio imposto à história da criação, no mito e na doutrina da Queda, segundo a Bíblia. (CAMPBELL, 1990, p. 57)

A ligação entre mulher e pecado dá à configuração feminina as ideias de tentação e erro em determinadas tradições que, como quaisquer outras, possuem suas condutas ou regras.

Essas regras não são necessariamente escritas e determinadas, são modelos de vida que os mitos oferecem, a imagem da mulher como esposa, mãe dedicada, que cuida de tarefas domésticas, é ilustração de um modelo de vida. Segundo Campbell (1990), em termos de vida e estrutura, os mitos oferecem padrões, mas têm de ser adaptados ao tempo em que se vive: “As virtudes do passado são os vícios de hoje. E muito do que se julgava serem os vícios do passado são as necessidades de hoje” (p. 26). O autor nos traz a ideia de que a nossa visão de como viver em sociedade está ultrapassada. Assim, a mulher moderna não é a mesma de décadas atrás.

Partindo destas colocações, Campbell (1990) afirma não estar havendo uma renovação dos modelos de vida: “A ordem moral tem de se harmonizar com as necessidades morais da vida real, no tempo, aqui e agora. Eis aí o que não estamos fazendo” (p.26). A mulher é lançada para um modelo de vida específico, no qual é submissa ao homem e vulnerável.

Campbell deixa clara a necessidade de transformação deste tipo de pensamento retrógrado: “A religião dos velhos tempos pertence à outra era, outras pessoas, outro sistema de valores humanos, outro universo. Voltando atrás, você abre mão de sua sincronia com a história” (p.26). As pessoas são diferentes, existem necessidades diferentes, precisamos de mitos que identifiquem o indivíduo com o planeta.

Os mitos regem nossas visões e percepções do mundo em si e influencia o nosso lugar em sociedade. A mitologia, conforme Campbell (1990), nos relaciona com o mundo do qual fazemos parte:

Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade. Em outras palavras, há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular. Você não é apenas um homem natural, é membro de um grupo particular. (CAMPBELL, 1990, p.37)

Então, o fato de sermos partes de uma esfera social nos insere em perspectivas mitológicas que nos relacionam naturalmente ao mundo ou a uma sociedade específica. Isso implica dizer que muitas visões que temos, como a da mulher, por exemplo, vem do mito.

Daí vem os comportamentos como heranças de gerações passadas, organizando assim a consciência do indivíduo. Dentro desses princípios os conhecimentos estariam guardados e nesse ponto a mitologia aparece ditando, de certa forma, os padrões a serem seguidos.

Para Jung (2000) os arquétipos seriam uma espécie de patrimônio comum a toda humanidade, para ele existe o inconsciente coletivo, no qual se estabelece uma constante repetição de todas as experiências durante muitas gerações e essa visão se confirma no símbolo no qual a mulher é vista em sociedade:

A exacerbação do feminino significa uma intensificação de todos os instintos femininos, e em primeiro lugar do instinto materno. O aspecto negativo desta é representado por uma mulher cuja única meta é parir. O homem, para ela, é manifestamente algo secundário; é essencialmente o instrumento de procriação, classificado como um objeto a ser cuidado entre as crianças, parentes pobres, gatos, galinhas e móveis. (JUNG, 2000, p.97)

A maternidade, por conseguinte, liga à mulher aos cuidados domésticos e familiares, trazendo um olhar para o homem como mais um a ser zelado como quaisquer outras coisas do lar.

Os padrões estão ao nosso redor, estamos sujeitos à dominação. Para Jung (2000), “O perigo principal é sucumbir à influência fascinante dos arquétipos, o que pode acontecer mais

facilmente quando as imagens arquetípicas não são conscientizadas” (p. 48). Essa tendência, de certa maneira, leva-nos aos padrões de vida preestabelecidos; a dependência, a dominação e a exclusão da mulher, evidenciam-na a ser uma “propriedade”, na qual o homem é o seu “dono”, ou seja, está implícita a posse.

Esses arquétipos para as mulheres seriam o casamento “ideal”, ser mãe e dedicar a vida em prol da família. Nesse sentido, Campbell (1990) enfatiza: “Mas o par supremo, que somos capazes de imaginar, é macho e fêmea, sendo o macho agressivo e a fêmea, receptiva; sendo o macho o guerreiro e a fêmea, o sonhador. Temos aí o reino do amor e o reino da guerra.” (p.79). O mito nos mostra a ideia de fêmea como um ser frágil, delicado e indefeso, que precisa da figura masculina para sua proteção e a mulher espera que o homem a proteja, que cuide da família. É isso que as “regras” ditam.

Jung (2000) nos apresenta características da relação homem/mulher perante um olhar social no qual a imagem feminina é submissa, mas isso está em seu inconsciente, os homens lançam suas expectativas e elas são atendidas.

Campbell (1990) traduz o quão difíceis são essas mudanças ao longo da vida: “É uma longa jornada: a mulher tem de abandonar a segurança conhecida, convencional, da sua vida e assumir o risco. Ela tem de se transformar de filha em mãe. É uma grande mudança, que envolve muitos riscos.” (p.139). De filha à mãe, a mulher parece ter seu papel predefinido socialmente.

O autor evidencia de forma bastante clara, de como a mitologia exerce tamanha influência: “O que temos na Bíblia é um caso extremo; a subjugação da mulher, entre nós, ocidentais, é uma decorrência do pensamento bíblico” (p.189). Essas perspectivas religiosas e culturais são repassadas há gerações, sendo que os padrões não são leis, mas são devidamente seguidos como tal.

Para compreendermos as questões de mito e arquétipos no romance, vamos à análise da imagem feminina na obra *São Bernardo*, mas antes, é necessário que façamos uma contextualização da obra para envolvermos o universo de Paulo Honório, narrador da história e marido de Madalena, sendo esta a nossa personagem principal neste trabalho.

Contextualizando *São Bernardo*

O romance *São Bernardo* (1983), de Graciliano Ramos, tem como centro as relações humanas vividas pelos personagens Madalena e Paulo Honório, narrador do livro. As personalidades de ambos são bem expostas ao leitor durante todo o romance e, a partir desse

ponto, começam os confrontos de perspectivas e ideologias opostas, que marcam toda a narrativa.

Paulo Honório, em sua infância miserável, foi criado pela velha Margarida, e vê crescendo em si o desejo de ascender socialmente, que será movido por sua grande ambição em adquirir bens e propriedades. O panorama dessa dinâmica nos apresenta características marcantes do personagem para a construção da narrativa, que Lafetá (1983) descreve como “rolo compressor”, devido à rapidez de suas conquistas.

O novo fito da vida de Paulo Honório seria a de apoderar-se das terras da fazenda São Bernardo, e o consegue vencendo o antigo proprietário, o Padilha, em um jogo, através do dinheiro que o emprestou. Desse modo, torna-se dono da propriedade.

Lafetá (1983) entende que “O que importa é o tom do narrador a atitude dominadora e dura que Paulo Honório assume diante das dificuldades, arrastando-as e vencendo-as” (p.193), ou seja, essa narração obsessiva dos fatos é também característica do próprio Paulo Honório. Lafetá também expõe a personalidade do herói em sua conquista, Padilha “mole” se vê arrasado por sua força:

O rolo compressor em que Paulo Honório se transformou encontra neste assinalamento preciso do tempo sua expressão simbólica. Na verdade, a rapidez rítmica da sucessão de fatos – aqui explicitamente ligada ao fator “propriedade” – reforça a caracterização de Paulo Honório como um elemento dinâmico por natureza, cujo impulso arrasta o mundo atrás de si. Padilha, mole, preguiçoso, sem iniciativa, é por ele dominado com facilidade. (LAFETÁ, 1983, p.195)

Com a prosperidade das terras de São Bernardo, Paulo Honório começa a fantasiar a ideia de casamento, pois queria um herdeiro para posteriormente assumir seus bens. Lafetá (1983) nos esclarece esse pensamento: “Paulo Honório, sem se preocupar com amores, querendo apenas preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo, fantasia então sua futura mulher: morena, alta, sadia, com trinta anos” (p.198), isto é, a ideia de casamento para o personagem era a de um negócio.

Começa então a procura da companheira, iniciando com a ida de Paulo até a casa do Dr. Magalhães, para conhecer sua filha Marcela, mas acaba conhecendo Madalena, a professora. Ele se encanta por sua beleza, lhe propõe casamento em algumas tentativas e ela acaba aceitando por ser “pobre como um *job*” e ainda ter uma tia para sustentar. Mais uma vez o herói sai vitorioso. Para Lafetá (1983), seria uma questão de aquisição: “Depois da

posse de S. Bernardo vem à posse de Madalena.” (p.197), ou seja, Madalena se tornaria mais uma de suas propriedades.

O que Paulo Honório não esperava era que Madalena, além de ser “instruída”, também se mostrasse como uma mulher de atitudes. Ao chegar a São Bernardo, ela demonstra apiedar-se da situação dos trabalhadores, questiona o ordenado de Seu Ribeiro. Paulo não a compreende e irrita-se da situação.

Na medida em que a mulher escapa a seu controle, na medida em que ela é capaz de apiedar-se dos trabalhadores miseráveis que vivem na fazenda na medida em que Madalena se afasta de seu universo de proprietário e escapa, portanto, à sua compreensão, Paulo Honório sente ciúmes. (LAFETÁ, 1983 p. 205)

Paulo Honório espanta-se diante da desaprovação da sua esposa em relação às atitudes na administração da fazenda, porquanto Madalena parece horrorizada e insubmissa: “Como Madalena se recusa a alienar-se, entretanto no jogo da reificação, os choques são inevitáveis.” (LAFETÁ, 1983, p. 205).

Lafetá (1983) deixa claro os conflitos e o choque de ideologias presentes na narrativa. Crescem então sentimentos de possessão e ciúme, pois Paulo passa a desconfiar da mulher, em certos momentos duvida de sua lealdade, suspeita não ser pai biológico de seu filho, tentando ligar as características físicas da criança a Gondim, que era seu amigo e trabalhava como redator e diretor do Cruzeiro.

O herói se perde em seu capitalismo controlador e autoritário, viu em Madalena sua última chance de felicidade, um “ciúme idiota” que o lança à completa solidão:

No entanto, aqui é ele quem vagueia e dá voltas. Volante empenado e dínamo emperrado – os dois signos saltam aos olhos do leitor. O dinamismo de Paulo Honório encontra-se estrangido, impedido de se desenvolver plenamente, pois Madalena não se submete. (LAFETÁ, 1983, p.206)

Neste momento, de acordo com Lafetá (1983), o personagem dá voltas em torno do mesmo problema, remoendo sempre o ressentimento por sua mulher, a qual, não suportando mais a convivência com Paulo Honório, comete suicídio, sendo este uma saída para o problema da vida do casal: “A solução do conflito, desfecho da narrativa, é a morte de Madalena, vitória da reificação que destrói o humano, derrota de Paulo Honório” (p. 206). Agora ele não vê mais sentido em sua vida, nem mesmo na fazenda São Bernardo: “E eu vou

ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos”. (RAMOS, 1983, p.188).

A narrativa é construída de modo que a sinceridade do narrador nos dá a ideia de culpa e arrependimento sentidos por ele, numa vida de ambição e ganância e num “regime” de domínio de coisas e pessoas, até que Madalena quebrou sua força de posses.

Após esta breve contextualização, vamos dar ênfase à construção da imagem feminina de Madalena sob o ângulo autoritário e possessivo de Paulo, narrador por meio de quem sabemos tudo que foi dito e descrito sobre sua esposa.

Construção feminina de Madalena em *São Bernardo*

Esta obra nos traz uma narrativa que conta a trajetória de Paulo Honório, desde sua infância pobre a dono das terras da fazenda São Bernardo e o seu casamento com Madalena.

Ao longo da trama existe a característica do narrador em primeira pessoa, permitindo uma compreensão mais minuciosa, no que diz respeito à visão de Paulo Honório (narrador/personagem) em relação à Madalena, construindo assim a personalidade de ambos.

Já estabelecido financeiramente, Paulo começa a fantasiar a ideia de casamento: “Amanheci um dia querendo me casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse” (p.59). O materialismo parece tomar conta de Paulo Honório e o objetivo da “união” é bastante claro: a de ter um herdeiro para deixar seus bens. Acaba conhecendo Madalena, uma professora simples que vivia com sua tia, recolhe informações a respeito da moça, acerca de sua vida e formação, e encontra nela a imagem de mulher inteligente e instruída. Não parecia ser o tipo ideal que ele buscava, as primeiras impressões não o agradaram:

- Mulher superior. Só os artigos que publica no Cruzeiro!
Desanimei
- Muito instruída Ah! Faz artigos!
- Sim... Que negócio tem o senhor com ela!
- Eu sei lá! Tinha um projeto, mas a colaboração no Cruzeiro me esfriou. Julguei que fosse uma criatura sensata. (RAMOS, 1983, p. 85).

Após seu pedido de casamento, sendo o narrador questionado pela jovem sobre sua reciprocidade de sentimentos, argumenta: “– Qual reciprocidade! Pieguice. Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem põe. Conheço o meu manual de Zootecnia”. (p. 87). Fica evidente que para o narrador o

casamento teria como objetivo a procriação, não levando em conta os sentimentos. O fato é que tudo era negócio na vida de Paulo Honório, e agora seu novo negócio estava ligado a Madalena:

– Seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como um Job, entende?

– Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a um acordo, quem faz negócio supimpa sou eu. (p. 90).

Madalena, moça solteira, criada por sua tia, não levava uma vida regada ao luxo, muito pelo contrário, os ganhos como professora eram limitados para sua sobrevivência. Paulo Honório enxergou nesses aspectos uma oferta vantajosa, o narrador usa dos argumentos: “Garantir o futuro...”, ou seja, Madalena (com seus ganhos limitados) e Paulo Honório (que buscava uma esposa), ambos sairiam beneficiados como o casamento, que seria um “negócio supimpa”.

Após a aliança, Madalena já se mostra uma mulher que defende e luta por seus ideais. Passa a conhecer a fazenda e principalmente a situação dos trabalhadores, que é de desigualdade. Ao questionar o ordenado de Seu Ribeiro, o guarda-livros em São Bernardo, Paulo Honório irrita-se, e acredita que a mulher não deve questionar assuntos ligados a sua fazenda: “Cada macaco no seu galho. Que diabo!”.

–... Quanto ganha o senhor, seu Ribeiro?

– Duzentos mil-réis.

Madalena desanimou:

– É pouco.

– Como? Bradei estremecendo.

– Muito pouco.

– Que maluqueira! Quando ele estava com Brito, ganhava cento e cinquenta a seco. Hoje tem duzentos, casa, mesa e roupa lavada. (p.100)

Os ideais de Madalena remetem ao socialismo, isso explica as discursões sobre como o marido tratava os empregados da fazenda, já que ela saía em defesa deles. A maneira como Paulo Honório cuidava de São Bernardo, muitas vezes humilhando seus trabalhadores, não era correto para a esposa, e ela assumia então uma postura que o narrador desconhecia: “Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente”. (p.101)

O pensamento patriarcal de Paulo Honório entra em conflito com a humanidade de Madalena, sua postura em defesa dos trabalhadores, o comunismo nas atitudes não agrada o narrador que visa à obtenção de lucro e mais nada, a situação dos seus empregados pouco o importa. Ela parece assustada e horrorizada com algumas atitudes do marido, o espancamento e as humilhações a Marciano são veementemente imperdoáveis, o narrador não compreende: “ – Ninharia, filha. Está você aí se afogando em pouca água. Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada. E Marciano não é propriamente um homem”. (p.110), ou seja, para o narrador Marciano era inferior em termos sociais, mas Madalena não seguia essa linha de pensamento.

Ao longo da narrativa, Paulo Honório mostra desconfiança em relação às mulheres que tinham uma certa formação escolar (instruídas) e critica a presença da mulher “pensante” em sociedade:

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. [...] (p. 134).

Mulher de escola normal! O Silveira me tinha prevenido, indiretamente. Agora era aguentar as consequências da topada, para não ser besta. (p. 137)

O grande incômodo do narrador, o que seria necessário no presente momento, era arcar com as “consequências da topada”, dando a entender que a escolha por Madalena foi um tropeço, expondo claramente que a intelectualidade da esposa estava se sobressaindo sobre sua ignorância e brutalidade. Fenômenos de posse e ciúmes tomam conta de Paulo Honório, o homem que é um grande rolo compressor capitalista, se vê desnordeado diante de Madalena e de suas crises de ciúmes. O herói está completamente sem ação.

O processo de ciúme é gradativo, porém, o ponto que inflama esse processo é o fato de não conseguir conhecer a esposa, que deixa-o inquieto, inseguro. Quem é Madalena? Sua mulher é um mistério, uma incógnita. E as dúvidas sobre sua fidelidade começam a surgir. Vejamos alguns trechos que revelam a desconfiança de Paulo:

E Madalena escutando o Padilha. O Padilha, que tinha uma alma baixa, na opinião dela. Para o inferno. Tão bom era um com outro. Entretidos, animados. Conspiração. Talvez não fosse nada. Mas, para quem, como eu, andava com a pulga atrás da orelha! (p.120)

Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para o Nogueira, num vão da janela.

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobranceiras espessas. Cruzei descontentes as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes. (p. 132)

Aguentar! Ora aguentar! Eu ia lá continuar a aguentar semelhante desgraça? O que me faltava era uma prova: entrar no quarto de supetão e vê-la com outro. [...] Comecei a mexer nas malas, nos livros, e a abrir-lhe a correspondência. (p. 137)

A brutalidade e os ciúmes estavam tão impregnados em Paulo Honório que o mesmo enxergava a mulher de outra maneira, seus pensamentos o confundiam com a realidade vivida: “Madalena era honesta, claro. [...] Ciúme idiota”. (p, 144). Paulo sempre se referia a esposa com sinceridade, a raiva e o ciúme o deixavam com o raciocínio vedado, fazendo com que ele, por alguns momentos, construísse uma imagem enganosa a respeito da esposa. Imagem esta, desfeita por ele mesmo, quando assume a honestidade dela.

Madalena acaba dando um fim a sua própria vida por não suportar mais a convivência com o marido. O suicídio destrói Paulo Honório. A carta, que era motivo de tanto ciúme, na verdade era uma despedida da esposa, a qual abriu mão de seu último dia para dar conselhos ao homem que tanto a maltratou. Todavia, o narrador deixa claro que nada iria mudar se pudesse voltar atrás:

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que me aflige. (p.187)

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos barraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. É a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda parte! A desconfiança é também consequência da profissão. (187)

Nos trechos acima percebemos o processo de tomada de consciência e culpa psíquica: “A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agraste, que me deu uma alma agreste” (p.101). A culpa foi da vida, da fome, da miséria e da solidão vividas por Paulo Honório, ensinando-o a ser um homem brutal e isso o aflige demasiadamente. Além da falta de Madalena, a fazenda São Bernardo sofre com os efeitos da Revolução de 30, que causam grandes prejuízos, todos os companheiros o abandonam, nem amor consegue sentir pelo próprio filho, a solidão parece ser a única companheira.

O fato de Paulo enfatizar que a esposa chegou à sua vida “cheia de bons sentimentos e bons propósitos” acentuam a sinceridade do narrador e a humanidade da boa professora, cuja humildade e delicadeza não escondem a força de seus ideais.

Madalena não se deixou dominar, a professora é um símbolo contra a opressão, o suicídio foi um grito de liberdade, não há mais a necessidade de fechar os olhos diante das desigualdades de uma sociedade patriarcal, em que a mulher é submissa à vontade do homem. Paulo Honório, mesmo proprietário de grandes posses, sempre se sentiu inferior à esposa, a força de uma mulher que toma a dianteira em causas sociais ofuscou o autoritarismo do protagonista.

A imagem feminina, portanto, desvia-se do padrão que a sociedade por muito tempo imputou. A personagem, apesar da repressão do marido, não se liga aos ideais de mãe e esposa que Paulo, representante de uma sociedade patriarcal, desejara. Eis uma configuração feminina que não se sujeita a um modelo e rompe com as questões que lhe queriam calar, mostrando, com o suicídio, sua personalidade e sua posição de mulher na casa, no casamento e nas esferas sociais.

Conclusão

Na compreensão de que a mulher aparece como mito feminino numa sociedade que a liga a modelos de vida (CAMPBELL, 1990) e que, por isso, ela está entre os arquétipos sociais ligados à maternidade e à família (JUNG, 2000), há algumas considerações que podemos fazer sobre a personagem Madalena, cuja análise é o foco deste artigo.

Não obstante a aceitação do casamento entendendo que era um negócio para Paulo, Madalena tenta uma união em que ela possa ser a mulher de essência idealista e socialista que já era. Ela permanece com sua autenticidade e com seus valores, mesmo percebendo que não mudaria as perspectivas e convicções do esposo.

Com suas ideias não aceitas por Paulo, a professora configura um modelo de mulher que rompe com a submissão e o ideal de mãe e esposa, trazendo para o romance uma quebra dos arquétipos e uma marca feminina de sensibilidade, delicadeza, humanidade e força. Socialista e generosa, Madalena constitui uma imagem da mulher que se volta para seus próprios ideais e não abre mão deles.

São Bernardo, portanto, traz uma história em que, apesar da tentativa de dominação masculina, a mulher assume posição de destaque e demonstra sua personalidade

explicitamente, construindo a personagem em torno da modernidade lutando contra os aspectos tradicionais da sociedade.

Referências bibliográficas

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. **Mitologia na vida moderna**. Trad. Luiz Paulo Guanabara. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. **Tipos psicológicos**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Guanabara Koogan, 1987.

LAFETÁ, L. O mundo à revelia. In: RAMOS, G. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1983

RAMOS, G. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1983.